

ABORDAGEM METODOLÓGICA DE CARDS EDUCATIVOS EM LÍNGUA INGLESA NAS SALAS DE AULA EJA

Ana Kécia da Silva Costa

Universidade Estadual da Paraíba – anasilvakecia@gmail.com

Introdução

O ensino da Língua Inglesa no Brasil é regido por interesses dentro de um modelo descentralizado dos sistemas educacional e político. As principais instâncias decisórias que formalizam as normas para a Educação Básica brasileira são a esfera federal, a partir da Constituição Federal, da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's); e as esferas estaduais e municipais, através das diretrizes das secretarias de Educação dos Estados e municípios. É sabido que na esfera federal, atualmente, há obrigatoriedade do ensino de LI especificamente na Lei Nº 13.415 de 16/02/17 (BRASIL, 2017) no Ensino Fundamental (EF) II, cuja será definida pela comunidade escolar ou pela Secretaria estadual/municipal de Ensino à luz dos PCN's e LDB, de acordo com o que o CDE (2015) afirma.

Assim como as escolas são orientadas pela LDB e PCN's em sua esfera, os professores (de todas as disciplinas) são orientados a fazerem uso dos mesmos, inclusive da Base Curricular Comum (BCC) para lecionar suas aulas. Conforme o CDE (2015) destaca que no caso da LI, os educadores precisam focalizar no uso de gêneros textuais para expor os alunos a um mundo que lhes é desconhecido e assim desenvolverem habilidades funcionais de interação em qualquer situação a qual forem expostos. O baixo desempenho dos alunos na LI não é determinado apenas pela escolha dessa língua, pelo número reduzido de aulas por semana, pela duração das mesmas aulas, pela grade curricular proposta e/ou pela preferência de habilidades que são trabalhadas, mas sim por fatores que transcendem a atmosfera escolar e perpassam pelo socioeconômico.

Deste modo, percebemos que a deficiência de proficiência dos alunos está em parte na quase nula padronização do ensino de LI o que dificulta o acompanhamento da oferta desta disciplina com qualidade e a prática de melhorias para o aprendizado dos alunos, como constatado por Brasil (1998). Para tal observação ser vivenciada e constatada pelos futuros professores, a disciplina de Estágio Supervisionado II vem exatamente versar sobre o planejamento de ensino para regência de aulas no EF, elaboração e aplicação de aulas práticas, autoavaliação e avaliação processual, avaliação de material instrucional didático do EF e produção de relatório. O objetivo geral deste

componente curricular é desenvolver a prática pedagógica, aplicando as teorias e abordagens estudadas ao longo do curso, assumindo uma postura crítica-reflexiva frente ao processo de ensino-aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (LE) no EF e ensino médio (regular ou EJA).

Foram discutidos alguns pontos teóricos, a saber: Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho, escrito por Irandé Antunes; Produção textual, análise de gêneros e compreensão, escrito por Luiz Antônio Marcuschi; na seção três virá o aprofundamento nessas e outras questões teóricas. A sala de aula foco do estágio prático é pertencente à Escola Municipal Lions Prata, situada na Rua João Quirino, no bairro Catolé, na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba. Este trabalho divide-se em metodologia, resultado, discussão e conclusão para melhor entendimento, reflexão e aprofundamento no que se diz respeito às observações em suas críticas na aula ministrada. No presente trabalho, focamos no ensino de LI em salas de aula EJA do EF no turno da noite da escola já citada.

1 Metodologia

Tendo iniciado a aula pontuando brevemente sobre o ciclo da água e o racionamento presente na cidade como base para dar início ao conteúdo proposto neste dia (economia de água), foi requisitado aos alunos que falassem quais as formas de se economizar água que eles utilizam em suas casas. A seguir, três cartilhas de conscientização em inglês foram expostas ao mesmo passo que foi perguntado aos alunos o que eles entendiam daquelas figuras. A fim de facilitar a produção da atividade proposta, foram escritas no quadro algumas palavras em inglês e seus significados e.g. *tap* – torneira, *shower* – chuveiro, *cup* – copo. A atividade proposta consistia em se formar duplas a partir de pequenos cards em branco contendo algumas das figuras expostas nas cartilhas da explicação e assim os alunos pudessem preenchê-los com as palavras escritas no quadro anteriormente. Logo após, foi solicitado às duplas que expusessem seus feitos à turma e pediu como atividade de casa a conscientização acerca da economia de água a uma pessoa de seu convívio social.

2 Resultado

O resultado alcançado foi observado logo nas primeiras audições das duplas formadas pelos alunos: a cada dupla de cards exposta, eles diziam a sua resolução às demais duplas (vale salientar que eram cards diferentes para cada dupla). Ao final das audições, os alunos fizeram um resumo da aula oralmente, completando com suas próprias formas de economia de água além de

compartilharem se faziam ou não as economias contidas nos cards.

3 Discussão

O Estágio Supervisionado II é uma atividade voltada para desenvolver uma prática pedagógica que propicie a experiência do licenciando com sua ação crítica e reflexiva através das observações e ministrar de aulas no contexto escolar em que estiver inserido, uma vez que do estagiário não se espere uma postura passiva, mas sim uma atitude crítica e reflexiva de modo que suas ações permitam participar ativamente (mesmo que às vezes, silenciosamente) de todo o processo. Isto comunga com uma das concepções de estágio abordadas por Pimenta e Lima (2004), a relação prática e teoria (que se dá através da junção dos estudos investigativos com o ato de torná-lo real no contexto escolar) segundo as autoras, é a concepção que mais se ajusta à formação do licenciando enquanto profissional crítico e reflexivo, pois vai além de ser ativo em sua prática: vem a ser analítico, pois com suas reflexões e críticas são gerados conhecimentos através de seus estudos teóricos, que o respalda para ser um docente mais eficaz na via ensino-aprendizagem. Os conhecimentos teóricos são de tal importância para o exercício do magistério, que por estes conhecimentos, o professor se torna capaz de lidar com as mais variadas situações em sala de aula.

De fato, a experiência é um carro-chefe no que se diz respeito a resolver e enfrentar certas eventualidades, porém se o professor estuda teorias, terá suporte para o desenvolvimento e em consequência um melhoramento de sua prática. Por exemplo, no conhecimento das concepções de linguagem, segundo Krause-Lemke (2004), que nos apresenta três principais concepções de linguagem, mas focando na concepção que mais se pode ser cultivada no contexto escolar, a saber sociointeracionista – que é desenvolvida de acordo com a interação ocorrida no processo dialógico, cuja de acordo com os PCN's, podemos observar que

“O uso da linguagem (tanto verbal quanto visual) é essencialmente determinado pela sua natureza sociointeracional, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado. [...] O processo sociointeracional de construir conhecimento linguístico e aprender a usá-lo já foi percorrido pelo aluno no desafio de aprender sua língua materna. [...]. Enfim, o aluno já sabe muito sobre sua língua materna e sobre como usá-la, ou seja, sabe muito sobre linguagem”. (BRASIL, 1998, p. 28)

Sem dúvida, essa concepção se encaixa na perspectiva do ensino de línguas em sala de aula, especificamente o ensino de LE, como destaca os PCN's, que toma esse ensino como uma oportunidade que o aluno possui de expandir seu conhecimento sobre linguagem (indo além de sua língua materna). Com essa ciência, entendemos que esta interação social na sala de aula ajuda o

aluno na construção de interpretação mais significativa dos enunciados, uma vez que nesta perspectiva o ensino-aprendizagem é desenvolvido a partir do contexto em que o aluno está inserido.

Em concomitância com esta ideia de interação, os PCN's nos orientam a adotar gêneros textuais no ensino de línguas (materna ou estrangeira), pois conseguimos interagir uns com os outros por intermédio de gêneros textuais, assim como afirma Marcuschi (2009). Com essa proposta de se fazer uso em sala de aula de gêneros textuais e por ser um método de abordagem mais próxima da realidade do aluno, o mesmo terá um maior envolvimento com a língua e/em seu uso em contextos diferentes, proporcionando o desenvolvimento de sua autonomia na via aprendizado-interação. Além do mais, permite ao professor dinamizar sua aula de modo que a reprodução do método tradicional de se ensinar gramática seja pouco a pouco visto que ele por si só não é eficaz na prática pedagógica.

Para Antunes (2007) é necessário que se aprenda as regras gramaticais de uma língua, porém não é o suficiente, pois a fixação no estudo da gramática não condiz com a perspectiva da língua como atividade sociointerativa, uma vez que a língua é dinâmica e está constantemente em mudança devido a seu uso em diferentes épocas e gerações, é preciso que trabalhemos com os alunos o uso da língua sem se ater apenas à exposição da estrutura gramatical, buscando levar ao contexto escolar uma abordagem diferente, onde o aluno possa construir seu aprendizado e apropriar-se de seu espaço na sociedade na condição de cidadão crítico e reflexivo.

4 Conclusão

Portanto se tratando das aulas, é importante haver sempre uma tentativa de fazer os alunos críticos, pois ainda que os mesmos não adquiram essa consciência de imediato, todavia a semente da criticidade foi ao menos plantada. Neste sentido, Marcuschi (2008) afirma que determinados gêneros textuais apregoam maior destreza cognitiva, sendo assim uma ferramenta disponível para o professor ampliar a criticidade do aluno.

O professor que ensina línguas deve considerar que, conforme aponta Antunes (2007), não é o suficiente aprender apenas regras da estrutura de uma língua, embora seja necessário, mas, deve considerar também o léxico, a composição de textos e a situação de interação em que se dá a enunciação. Constata-se também a importância de se aplicar ao magistério as teorias que estudamos na universidade nas cadeiras de pedagogia e licenciatura em específico.

Mesmo em meio a um ambiente desmotivador, é bom sempre acreditar que os professores não devem se deixar levar pelas aparentes condições do ambiente inserido, pois se torna uma não atitude do professor o próprio não querer transformar o destino de seus alunos, a fim de torná-los mais críticos e reflexivos para enfrentar as diversas situações da sociedade, e isto só é possível se os professores tiverem a coragem de assumir uma postura que se ajuste à sua função primal.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação média e tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Decreto-lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Aprova a lei que estabelece alterações nas diretrizes e bases da educação nacional**. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em 11/10/2017.

Instituto de Pesquisas Plano CDE. **O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira**. São Paulo: British Council, 2015.

KRAUSE-LEMKE, Cibele. **As concepções de linguagem subjacentes à prática pedagógica de professoras de língua espanhola e suas implicações para a construção do conhecimento**. 2004. 127 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) – Curso Letras com habilitação em Língua Espanhola, Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. Pernambuco: Parábola Editorial, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poésis, São Paulo, Cortez Editora, Volume 3, Números 3 e 4, pp. 5-24, Junho, 2005/2006.